



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE MÚSICA
ORQUESTRA SINFÔNICA DA UFBA**

**OSUFBA, TEMPORADA 2022, 68 ANOS
QUINTO CONCERTO
CONCERTO DE CÂMARA**

**Capela de Santa Teresa, Museu de Arte Sacra da UFBA
Terça-feira, 12 de julho de 2022, 19 horas**

* * * * *

Ao inaugurarem-se os Seminários Livres de Música, em 15 de outubro de 1954, o processo de criação do setor universitário de música já iniciara com dois importantes movimentos: os Seminários Internacionais de Música, criados como atividade permanente da Universidade, constituindo o instrumento de integração artística entre centros culturais do Brasil e exterior, e as ações que davam forma definitiva a uma Escola de Música de nível superior, sistematizada em objetivos cujas origens remontavam ao último decênio dos anos 40. Na mesma ocasião, foram lançadas as bases para a criação de uma Orquestra Sinfônica e de um Madrigal, organismos destinados a proporcionar o conhecimento das grandes obras-primas da literatura musical. Assim, neste ano de 2022, aproximando-se dos seus 70 anos, e retomando a presencialidade de suas atividades convidamos a todos(as) para partilhar o universo sinfônico num canto à vida e à esperança.

PROGRAMA

Claude Debussy
(1862-1918)

Danses Sacrée et Profane
para Harpa e Cordas (1904)

Liuba Klevtsova - Harpa

Wolfgang Amadeus Mozart
(1756-1791)

Sinfonia No. 39, em mib maior, KV 543
(1788)

Adagio - Allegro

Andante con moto

Menuetto: Allegro

Finale: Allegro

Wolfgang Amadeus Mozart
(1756-1791)

Concerto para Flauta e Harpa,
em dó maior, KV 299 (1778)

Allegro

Andantino

Rondeau: Allegro

Lucas Robatto - Flauta

Liuba Klevtsova - Harpa

Orquestra Sinfônica da UFBA

Maestro José Maurício Brandão – Regência

No início de 1904, Debussy foi procurado pelo famoso construtor de pianos Pleyel, que havia construído uma harpa-cromática — diferenciada por não ter pedais e sim mais cordas para se obter os semitons — e queria uma peça musical para lançá-la. A nova harpa caiu em desuso, era muito maior que a harpa comum e muito mais custosa a acertar para afinação e execução. Mas a bela peça de Debussy ficou. As duas danças para Harpa e Cordas - *Danses Sacrée et Profane* - foram estreadas em 6 de novembro de 1904 nos Concertos Colonne, em Paris. As duas danças, de rigor refinado e sobriedade, são conectadas como um único conjunto. O contraste sugerido por "sacrée" e "profane" é aquele entre espírito e corpo, etéreo e corpóreo, céu e terra. A primeira dança - quase uma Sarabande (em ré menor, com flexibilidade no intervalo do sexto grau), terna e tranquila - é infundida de uma graça antiga, flutuante, iluminada e inovadora, como que numa atmosfera encantada. A segunda dança - uma valsa estilizada (em ré maior, com a quarta aumentada) - é mais movida e alterna sessões de maior e menor atividade. As notas finais dissipam o ambiente, como um sonho fugaz que se desvanece no alvorecer da luz do dia.

Mozart compôs sua *Sinfonia No. 39* em Viena no começo do verão de 1788 – logo após a ópera *Don Giovanni* – completando-a no dia 26 de junho deste mesmo ano. Não se tem referências acerca da estréia e primeiras execuções da obra, cuja instrumentação é singular dentre as sinfonias de Mozart: uma flauta, duas clarinetas, dois fagotes, duas trompas, dois trompetes, timpanos e cordas. A Sinfonia No. 39 em mi bemol maior (KV. 543), é a primeira de um grupo de três sinfonias (as últimas sinfonias), que Mozart tencionava publicar conjuntamente num mesmo número de opus, dentre outros motivos pelo fato daquele ano ter sido financeiramente difícil, mas estas obras só vieram a ser publicadas postumamente. A sinfonia começa grandiosamente com um pomposo e dramático *Adagio*, cujas dissonâncias remontam ao ambiente do *Don Giovanni*. Segue um lírico *Allegro* bi-temático com variados elementos contrastantes de textura, tratamento melódico, instrumentação e dinâmica. Os ritmos pontuados da introdução lenta do primeiro movimento reaparecem no segundo movimento, um *Adagio* em lá bemol maior. Com instrumentação reduzida e uma delicada textura para as madeiras, este movimento sugere um refinado ambiente camerista. O terceiro movimento é um dos mais memoráveis

Menuettos da produção de Mozart. O perfeito balanço entre as seções – *Menuetto e Trio* (este último um *Ländler*) – e o delicado uso da instrumentação são especialmente relevantes. O movimento final, um *Allegro* em forma sonata monotemática, explora magnificamente os elementos rítmicos e contrapontísticos. Mozart provavelmente não teve a possibilidade de ouvir a execução desta sinfonia, mas ele, por certo, sabia quão profundamente gratificante ela seria, não apenas para ouvir, mas também para tocar.

Em setembro de 1777, com 22 anos, Mozart deixa Salzburg em direção a Paris, numa tentativa de romper os limites musicais de sua terra natal. Mozart conhecera Paris ainda criança prodígio, mas agora a realidade era outra: sem a presença do pai superprotetor, e acompanhado da mãe que morreria em Paris, o jovem Mozart, sozinho, luta para se afirmar na grande metrópole. O sustento vinha de concertos com pouca relevância e aulas para a aristocracia. Dentre suas alunas, a filha do Duque de Guines era harpista, e o duque - que tocava flauta - encomendou a Mozart um concerto para estes dois instrumentos. Considerada a praxis da época, a obra deveria ser um simples entretenimento musical, sem maiores pretensões além do prazer imediato dos ouvintes. Mas o compositor era apenas W. A. Mozart, de quem brotou mais uma pérola do repertório. Assim, no seu *Concerto para Flauta e Harpa em dó maior*, o primeiro movimento - *Allegro* - é rico em diálogos dos solistas entre si e com a orquestra. O evidente apelo virtuosístico dos solos é combinado com a escolha dos timbres orquestrais (algo atípico para a época) delinea a ambientação sonora das diversas melodias. O segundo movimento, *Andantino*, lírico e terno, é de grande expressividade. O *Rondeau* final, uma dança nos moldes da *Gavotte* francesa, explora magistralmente as combinações entre os solistas. Sempre muito apreciado pelo público, este concerto é um dos exemplos da consistência de Mozart em dialogar com diversos gostos musicais, sempre guardando o domínio composicional e as delicadezas de seu estilo pessoal.

Orquestra Sinfônica da UFBA – 68 Anos	
Coordenação: Prof. Dr. José Maurício Brandão	
Flauta Tota Portela	Clarinetas Hudson Ribeiro Patrícia Perez
Oboés Gustavo Seal Mariana Herwans*	Trombone Tuba Fred Dantas Renato Costa Pinto
Fagotes Bruno Peçanha Elias Novais* Jean Marques	Trompas Celso Benedito Josely Saldanha Paula Grazielle Santos João L. Magalhães
Trompetes Rogerys Machado* Bruno Oliveira*	Tímpanos Oscar Mauchle
Violinos I Marco Catto (Spalla) Mário Soares Diogo Pimentel Ana Zanata	Violinos II Davi Guima Antonio Amorim Fred Pessoa Angela Onnis Mário Gonçalves
Violoncelos Thomas Rodrigues Guilherme Venturato Faisal Hussein Italo Nogueira Christian Knop M. Cândida Lobão Claudio Luz do Val	Violas Serghei Iurcik Laís Guimarães Ana Florencia Paulin Helena Rabello Icaro Smetak
Contrabaixos Rodolfo Dantas Gabriel Couto** Jessica Albuquerque	Arte Gráfica & Audiovisual Augusto Caymimi* Eduardo Ravi
Administrativo Isadora Ramos Ida Araujo	Produção e Comunicação Vanessa Santana Any Valette
Técnica Antonio Jorge Ferreira	Arquivo Davi Cerqueira
*Aluno da UFBA ** Músico convidado	

Próximos Concertos:

Quinta-feira, 28 de julho de 2022, 19 horas, Teatro SESC Pelourinho
OSUFBA, Concerto de Câmara (Festival de Percussão Dois de Julho)

Terça-feira, 19 de agosto de 2022, 19 horas, Salão Nobre da Reitoria da UFBA
OSUFBA, Concerto de Câmara

Nossos Contatos:

www.escolademusica.ufba.br

osufba@gmail.com

<https://www.instagram.com/emusufba>

<https://www.youtube.com/escolademusicadaufba>

Agradecimentos:

Museu de Arte Sacra da UFBA

Setor de Transportes da UFBA